

## Entre o ser e o parecer, o toque (im)perfeito da moda

MARGARIDA AMARO

A mais célebre cena do Génesis representada por Miguel Ângelo na Capela Sistina dá conta do momento em que dos indicadores de Deus e de Adão brota a centelha da vida. Este é o toque original que instala a ordem do cosmos. Concluída a Criação, já no Éden, Adão e Eva provam o fruto interdito da Árvore do Conhecimento, descobrem que estão nus, cobrem-se e, antes de os expulsar do Paraíso, Deus veste-os com peles de animais. Para além do poder duradouro do story telling, a história continua a suscitar a atenção, transportando consigo questões pertinentes. Objeto utilitário que protege das intempéries e outros incómodos, segundo Greimas (1987, p. 84), o vestuário apenas adquire sentido quando “veste” a mulher e preenche a função do parecer: obstáculo e desejo de transgressão, o vestuário é criador de um espaço onde o interdito se instaura como sentido por uma espécie de “visualidade imperfeita” que não é mais do que a forma distanciada do tato, a mais profunda das sensações a partir das quais se desenvolvem as paixões do “corpo” e da “alma” conducentes à esthesis. Oscilante entre o ser e o parecer, é nesta imperfeição que a moda opera de acordo com os seus paradoxos - o tempo, a estética, o estilo, as formas de vida - e de que daremos conta nesta comunicação.